

Crise mexicana chega ao País

PROBLEMAS CAMBIAIS DO MÉXICO DERRUBAM AÇÕES NO BRASIL, LEVANDO PÂNICO ÀS BOLSAS, MAS BANCO DOS EUA MANDA COMPRAR TÍTULOS BRASILEIROS.

As bolsas brasileiras despenca-ram pelo segundo dia consecutivo com a crise cambial e política do México, que assusta os "mercados emergentes" da América Latina. Um dia depois de admitir uma grande flutuação de 15% para o peso, o México voltou atrás e liberou o câmbio, enquanto decretava um congelamento de preços por 60 dias. O país tem forte déficit em suas contas cambiais, que vinham sendo sustentadas pela entrada de dólares. O ministro da Fazenda, Ciro Gomes, diz que Brasil e México não podem ser comparados (veja ao lado). Sua opinião é compartilhada pelos economistas Francisco Lopes, que vai integrar a equipe econômica do governo FHC, e por Arminio Fraga, ex-diretor do BC, atualmente diretor do Fundo Soros para a América Latina. "A crise do México não preocupa o Brasil nem implica uma redefinição do Plano Real", diz Lopes.

Mas Arminio Fraga admitiu ao correspondente da **Agência Estado**, Paulo Sotero, que "ficou claro que mudou o limite de tolerância no mercado para políticas de valorização cambial". Fraga recomendou que o Brasil, por enquanto, não abra mão da sua política cambial.

O economista Carlos Antonio Rocca, presidente do Mappin e ex-secretário da Fazenda, sugere: "A crise deve ser acompanhada com cuidado, mas não há uma indicação clara de que a política econômica brasileira segue o caminho da mexicana". Mas para outro economista, José Augusto Arantes Savasini, da Rosenberg&Associados, o problema mexicano "é um sinal de alerta para mudar a política cambial brasileira". O deputado federal e ex-ministro Antonio Delfim Netto teme que os erros cometidos pelo México sejam repetidos no Brasil.

Os efeitos da crise mexicana já provocaram esta semana uma queda de 14,1% no Índice Bovespa, que mede as ações mais negociadas em São Paulo. Mas um dos principais bancos norte-americanos, o Salomon Brothers, recomendou comprar menos ações do México e mais do Brasil. O México caiu de 40% para 35% na carteira recomendada pelo Salomon e o Brasil, subiu de 36% para 41%. A boa surpresa, segundo o diretor do Banco Patrimônio de Investimentos, associado ao Salo-

mon no Brasil, Luiz Otávio Magalhães, "é que toda a fatia de 5% reduzida do México tenha vindo para o Brasil".

"Em relação ao Brasil, o México está com déficit comercial de US\$ 20 a 25 bilhões há três anos e as reservas seriam da ordem de US\$ 5 bilhões, com projeção de US\$ 25 bilhões de déficit em conta corrente, enquanto no Brasil as reservas superam US\$ 40 bilhões e o saldo em conta corrente é positivo", analisa Savasini. "Mas o Brasil pode ser o México em um ano, mesmo que hoje nada tenha a ver", adverte o economista.

O mercado acionário brasileiro entrou em pane com as medidas anunciadas pelo governo mexicano. A queda das cotações ocorreu de forma generalizada e violenta. "O mercado está balançando na base do pânico", disse o corretor Eduardo da Rocha Azevedo. Mas outros analistas julgam que ocorreu um **over-shooting**, ou seja, a

repercussão foi maior que o problema. Francisco Lopes lembra que o mercado de bolsas é muito especulativo.

Delfim Netto relaciona a crise à política cambial, da qual é um dos principais críticos. Há um paralelo entre o

câmbio no México e no Brasil. "Não tem solução", diz o ex-ministro. Delfim acredita que a posição do futuro ministro da Fazenda, Pedro Malan, foi fortalecida pelo discurso de Fernando Henrique Cardoso e isto se liga à política atual da Fazenda, que detém os instrumentos de controle da economia. "É preciso convencer a Fazenda de que isso está errado", disse.

Sobre o problema cambial, Delfim Netto escreveu em 9 de novembro: "O caso mexicano não foge à regra. O agravante é que a sobrevalorização da moeda está comprometendo o crescimento. O PIB per capita e a produção industrial estão estagnados. Em 1993, o PIB cresceu 0,4% e em 1994 espera-se crescimento de 2,5%. O controle da inflação certamente foi um sucesso (8% em 1993). Os sucessivos déficits em conta corrente (mais de US\$ 20 bilhões por ano entre 1991 e 1993 e estimado em 7% do PIB em 1994) são dificilmente sustentáveis. Depois das eleições é preciso desvalorizar a moeda. O que resta saber é se o programa antiinflacionário e o 'pacto' sobreviverão a tal medida".

Valorização das moedas já não é segura, diz o economista Arminio Fraga.